

AS VALÊNCIAS ABERTAS E AS RELAÇÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS DE DONA CREUZA: UMA *OUTSIDER* NA POLÍTICA DO SERTÃO DE PERNAMBUCO

THE OPEN VALENCES AND THE (AUTO)BIOGRAPHICAL RELATIONSHIPS OF DONA CREUZA: AN *OUTSIDER* IN THE POLITICS OF THE BACKLANDS OF PERNAMBUCO

VALENCIAS ABIERTAS Y LAS RELACIONES (AUTO)BIOGRÁFICAS DE DOÑA CREUZA: UNA *OUTSIDER* EN LA POLÍTICA DEL INTERIOR DE PERNAMBUCO

Maria de Fátima Moura Alencar¹

 <https://orcid.org/0009-0008-9236-1490>

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil

e-mail: mf.mouraalencar@gmail.com

Paulo Fernando de Vasconcelos Dutra²

 <https://orcid.org/0009-0006-5846-3499>

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil

e-mail: paulofvdutra@gmail.com

Edilson Fernandes de Souza³

 <https://orcid.org/0000-0002-8842-4304>

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil

e-mail: edilson.souza@ufpe.br

Resumo

O artigo tem por objetivo apresentar a trajetória educacional e política de Dona Creuza: uma sertaneja do estado de Pernambuco, professora da educação básica, prefeita por três vezes no município de Salgueiro e ex-deputada federal, atualmente com 87 anos de idade. Foram realizadas entrevistas com a biografada, familiares e amigos em comparação ao diagrama do constructo do “eu” fonte (Souza, 2021). Na análise, aparecem conceitos, como: estabelecidos-*outsiders*, valências abertas, configuração, relações biográficas, nó górdio; termos defendidos pelos autores, como: Elias (2001; 2005) Elias e Scotson (2000) e Josso (2009; 2012). Depreende-se que a biografada possui significativa autopercepção da sua trajetória, de autoestima elevada, e papel social definido em seu local de moradia, expressando, inclusive, futuros projetos políticos.

Palavras-chave: Trajetória de vida; Biografia; Memórias.

Abstract

The article aims to present the educational and political trajectory of Dona Creuza: a sertaneja from the state of Pernambuco, a basic education teacher, three-time mayor of the municipality of Salgueiro and a former federal deputy, currently 87 years old. Interviews were conducted with the biographed woman, family, members and friends, considering the source “I” construct diagram (Souza, 2021). In the analysis, concepts appear, such as: established-*outsiders*, open valences, configuration, biographical relationships, Gordian knot; terms defended by the authors, such as: Elias (2001; 2005) Elias and Scotson (2000) and Josso (2009; 2012). It appears that the biographed woman has a significant self-perception of her trajectory, high self-esteem, and a defined social role in her place of residence, even expressing future political projects.

Keywords: Keywords: Life trajectory; Biography; Memories.

¹ Especialista em Programação de Ensino em Língua Portuguesa pela Faculdade de Formação de Professores de Petrolina. Especialista em mídias na educação pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

³ Doutor em Educação Física/Estudos do Lazer, com ênfase em História e Sociologia do Esporte e Lazer pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco.

Resumen

El artículo tiene como objetivo presentar la trayectoria educativa y política de doña Creuza: una campesina del estado de Pernambuco, docente de educación básica, alcalde tres veces del municipio de Salgueiro y exdiputada federal, actualmente tiene 87 años. Se realizaron entrevistas con el biógrafo, familiares y amigos. en comparación con el diagrama del constructo fuente “yo” (Souza, 2021). En el análisis aparecen conceptos como: outsiders establecidos, valencias abiertas, configuración, relaciones biográficas, nudo gordiano; términos defendidos por autores, tales como: Elias (2001; 2005) Elias y Scotson (2000) y Josso (2009; 2012). Se infiere que el biografía tiene autopercepción significativa de su trayectoria, alta autoestima y rol social definido en su lugar de residencia, incluyendo la expresión de proyectos políticos futuros.

Palabras clave: Trayectoria de vida; Biografía; Memorias.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surge do trabalho desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, na linha de pesquisa Identidades e Memórias, que tem levado em consideração estudos (auto)biográficos, especialmente trajetórias de vida de intelectuais, docentes do ensino superior e da educação básica. O artigo procura fazer algumas aproximações entre Norbert Elias e Marie-Christine Josso trazendo à reflexão, conceitos como: configurações, interdependência, *outsider*, individualização, e do ponto de vista empírico, tenta perscrutar as relações (auto)biográficas de uma das mais importantes personagens femininas da educação e da política do sertão pernambucano.

Para a realização do estudo original⁴ tomamos como base o Diagrama do Constructo do “eu” Fonte apresentado por Souza (2021), que traz a ideia de seis arquivos por onde deve emergir as informações essenciais para a análise de uma trajetória de vida. Desse modo, a partir desses arquivos estão sendo analisados alguns documentos, cuja tipologia varia de uma série de entrevistas com a biografada, familiares, amigos, ex-alunos e profissionais da relação de trabalho; recorte de jornais, revistas e publicações em Diário Oficial, bem como registros do caderno de campo.

Destarte, as ideias centrais desta temática foram apresentadas e discutidas, oportunamente, na III Jornada de Estudo Eliasianos; evento que foi abrigado pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campina Grande, 2023. Todavia, este texto está dividido da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos a revisão de literatura pertinente à (auto)biografia, como foco, ainda que breve, em um diálogo teórico e metodológico entre Norbert Elias e Marie-Christine Josso, na tentativa de explicitar a complementariedade desses autores no que se refere aos estudos da historicidade do indivíduo. E, na segunda seção, nos voltaremos para algumas reflexões sobre as evidências empíricas, no sentido de explicitar a sociodinâmica estabelecida pela nossa personagem central da investigação, Dona Creuza nas suas relações (auto)biográficas.

1.1 (Auto)Biografados Enquanto Valências Abertas

Considerando uma breve conceituação, biografia pode ser compreendida como algo que se desenha, escreve e ou descreve a respeito da vida de um indivíduo; ao mesmo tempo em que autobiografia pode ser compreendida como a descrição de si mesmo, um autorretrato, como mediação da própria trajetória de vida. Contudo, Borges (2015) “[...] não tinha ideia de que esse termo tivesse surgido tão tarde, oriundo do grego bios = vida e graphein = escrever, inscrever acrescido de ia, um formador de substantivo abstrato” (Borges, 2015, p. 204).

⁴ Trata-se da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco/PPGEdu/Linha de Pesquisa Identidades e Memórias. No entanto, por questões éticas, ainda não é possível a publicação das falas dos colaboradores, especialmente da biografada.

É muito comum termos notícias de biografia como gênero literário, escrita, normalmente, a respeito da vida de um artista famoso etc. Há recorrência de falarmos de nós mesmos e também de pessoas do nosso convívio social, exprimirmos os sentimentos, afetos e desafetos, bem como dos projetos e de experiências. No entanto, essa forma de narrar sobre o outro ou sobre si mesmo tem despertado considerável interesse acadêmico, com pesquisas em várias áreas do conhecimento, da história, da comunicação, da política e, especialmente de estudos educacionais.

Todavia, o discurso sobre si ou sobre o outro, enquanto objeto de investigação científica, inevitavelmente, deve seguir determinadas regras, como afirma Eakin (2019). As regras lembradas pelo autor não podem escapar dos pesquisadores interessados no método (auto)biográfico, pois, se infringidas, podem causar danos irreparáveis, sendo: a) distorção da verdade histórica ou biográfica; b) infringência do direito à privacidade; c) incapacidade de exibir padrões de personalidade (Eakin, 2019, p. 46).

A primeira regra diz respeito *a veracidade e a capacidade* de o (auto)biógrafo falar de si ou do outro em sua complexidade ou por inteiro. O pesquisador deve falar dos fatos vividos ou testemunhados por aqueles que compõem o objeto de investigação. Ou seja, é preciso contar a experiência direta, vivida ou presenciada, caso contrário se infringe a regra dos acontecimentos empiricamente possíveis de comprovação. Por outro lado, embora possa parecer óbvia, *o direito à privacidade*, enquanto segunda regra, estabelece que o pesquisador deve se ater à narrativa de si ou apenas às tensões e experiências sobre as quais escreve de maneira autorizada. Infringir essa regra equivale a passar por problemas judiciais ou ser rechaçado pela opinião pública, já que o direito à privacidade está na Constituição Federal, e é observada como um direito inviolável por todos no convívio social.

Por último, mas não menos importante, a terceira regra, a da *personalidade*, o pesquisador tem de mostrar que é capaz de fazer os registros pertinentes à cultura e a sociedade de seu tempo; que goza de suas faculdades mentais, e que não está com devaneios. Essa regra permite compreender a área limítrofe da ficção e da razão, enquanto elementos fundamentais de um projeto da literatura e ou da ciência, mas, nunca de visões distorcidas de uma realidade inexistente; visões produzidas pela esquizofrenia, da loucura, por exemplo.

Sob outra perspectiva, Elias (2001) e Josso (2009) têm preocupações epistemológicas e sociológicas que consideramos de grande importância para os estudos (auto)biográficos, pois focam seus exames no processo de formação humana e profissionais, tendo por pressuposto a longa duração, seja tendo em vista as transformações sociais, seja na trajetória de vida.

As reflexões que se seguem estão fundamentadas em um modelo específico de análise sociológica, conseqüentemente, configuracional, que pode contribuir para os estudos que tomam a historicidade dos indivíduos e a produção social de seus saberes (Elias, 1994; 2005), bem como seu processo de formação humana em uma trajetória de vida (Josso, 2012). A autora tem a ocupação em pesquisas que examinam o nós e a construção do eu, na perspectiva da singularidade, portanto, (auto)biográfica.

Essas são as nossas primeiras aproximações que tentamos elaborar entre esses autores e os elementos empíricos, ainda em fase inicial da coleta de entrevistas e manuseio de alguns documentos relativos à biografada, na pessoa de Dona Creuza. Todavia, há de se considerar que os pesquisadores em questão possuem vasta literatura produzida pelos seus respectivos interesses: seja pensando em um paradigma não dicotômico e modelo de sociedade diferente da sociologia clássica, ou na perspectiva de compreender o indivíduo enquanto ‘figura-projeto’, que se inscreve em diferentes grupos sociais, a partir dos seus vestígios ao longo de sua trajetória.

Elias (1994), por exemplo, advoga a possibilidade de a sociedade ser dos indivíduos e os indivíduos serem da sociedade de maneira imbricada, indissociável. E no contexto dessa discussão, também se concentra a ideia da identidade nós e o processo de individualização alcançado por cada

um dos indivíduos, ou seja, as valências abertas representadas por cada uma das pessoas de determinadas sociedades.

Josso (2012), por seu turno, trata da individualização e o equilíbrio na feitura de um laço; das diferentes maneiras de os indivíduos estarem ligados uns aos outros, e, ao tratar da formação humana, em suas pesquisas, os laços podem ser de diferentes maneiras, inclusive, desde as ideias, seus códigos e valores, o que culmina com a articulação entre a alteridade, identidade e reciprocidade.

Desse modo, podemos compreender as valências abertas eliasianas, a partir de seus planos e ações, e por se conectarem direta e indiretamente à várias outras valências, mantém relações concretas, portanto, (auto)biográficas, e, assumem, por isso mesmo, diferentes formas culturais, que variam das relações de parentesco, de aprendizagens, intrageracionais, entre outras, profissionais e simbólicas (Josso, 2012), importantes elementos a serem considerados nas pesquisas em educação.

As valências abertas eliasianas muito se parecerem com os pressupostos de Josso (2020) quando a autora considera “[...] que vidas humanas estão constantemente se movendo em direção a/ou em novos territórios” (Josso, 2020, p. 42). Tudo isto ocorre num processo contínuo de movimentação, de ligações e desligamentos; e, é óbvio que tais movimentações se reconfiguram historicamente, a partir dos planos e ações de cada indivíduo.

Esse aspecto, reconfiguracional, é particularmente interessante, na medida em que para a autora “[...] as mudanças sociais geram novos problemas pessoais e coletivos que tornam necessário perceber que nossas representações e nosso ponto de vista de observação se tornam insatisfatórios, até obsoletos ou marcados historicamente (Josso, 2020, p. 42). Ou no dizer de Elias, ao se perder de vista as múltiplas configurações a que um ser humano pode suportar, corre-se o risco de se fazer análise a partir de conceitos reificantes, cristalizados em um modelo de sociedade em que submete o indivíduo a um comportamento semelhante à de uma marionete.

Nesse contexto, enquanto valências abertas, os indivíduos se ligam e desligam de tantos outros indivíduos em diferentes espaços e tempos históricos, e, ao fazê-lo, deixam vestígios de suas ligações profissionais, acadêmicas, religiosas, furiosas, danadas, entre outras, ligações emocionais, afetivas, amorosas.

Elias não deixa claro; de forma evidente, as diferentes ligações a que um indivíduo está submetido numa dada configuração social, até porque reconhece as teias infinitas e de longo prazo a que isso pode levar. No entanto, para simplificar, e até onde a nossa interpretação alcança, ele reconhece que num modelo de jogo, por exemplo, há grandes possibilidades de confrontos; combinações, entre aqueles que podem tomar gosto numa partida de futebol, ou até mesmo num jogo de cartas, bem como entre pares ou casais em um determinado baile dançante. De forma alargada, as configurações dos indivíduos podem tomar vários feitios numa temporalidade mais ou menos duradoura, o que pode ensejar em vestígios deixados pela fricção nas relações de poder.

Esses dados são particularmente importantes para os estudos (auto)biográficos e histórias de vida, pois, tudo isso está relacionado às funcionalidades singulares e transformações intermináveis dos indivíduos “[...] que afetam as fronteiras geopolíticas, nossas fronteiras mentais e as características dos territórios herdados, construídas ao longo da vida para nos preparar para recompor novas funcionalidades [...]” (Josso, 2020, p. 43).

Entre as valências abertas e os vestígios (auto)biográficos, o que está em jogo é a ideia de que o indivíduo se torna humano em uma trajetória humana: entre os humanos; bem como nas múltiplas relações que mantém com objetos e seres não humanos, a exemplo do desenvolvimento e apropriação de técnicas e tecnologias no enfrentamento da natureza não humana. E, é nesse percurso onde o indivíduo vai encontrando e deixando vestígios; evidências de suas passagens pelo espaço-temporal.

Os vestígios podem receber aquilo que Josso (2012) chama de “*relações culturais biográficas*” (Josso, 2012, p. 116-119): *relações de parentesco*, seja consanguíneo ou por aliança parental; *relações de aprendizagem e de formação*, no âmbito das quais estão os níveis de escolarização, a construção identitária e alteridade; *as relações terapêuticas* a partir de cuidados

prolongados por profissionais da saúde, por exemplo. Além dessas, outras relações podem representar diferentes configurações, como as *relações transgeracionais*, no contexto das quais estão as histórias de um povo em processo migratório, histórias das famílias e as trajetórias individuais dos seus membros.

No conjunto das evidências, ainda pode ser encontradas *relações intrageracionais*, submersas nos laços de parentesco, nas atividades musicais e esportivas, entre irmãos mais novos e mais velhos etc. E nesse bojo, também estão as *relações simbólicas* sob as quais estão submersas as personalidades de referência, os apegos às ideias, as paisagens, literatura, códigos e valores.

Em várias obras, Elias trata da interdependência funcional, a reciprocidade direta e indireta dos indivíduos em sociedade, onde todos são devedores e tributários das relações mantidas numa configuração em longo prazo. O autor também advoga um exame teórico-empírico dessas configurações, onde as evidências possam ser perscrutadas a partir de conceitos não reificados, cristalizados na forma tradicional do pensamento sociológico. É nesse ponto do exame empírico que nós gostaríamos de chamar a atenção para as reflexões de Josso (2012), ao considerar quatro tipos possíveis de compreender os laços culturais: representados pelo entrelaçamento de dois ou mais indivíduos e que ela chama de nó.

Tomamos a liberdade de inverter a ordem com que os tipos de nó aparecem nas reflexões da autora, mas sua ordem, certamente, não interfere para efeito de exemplificação e análise empírica, que apresentaremos em outra seção deste artigo. Logo, temos o *nó entrelaçado*, que pode representar as relações mais ou menos equilibradas, relações não muito apertadas e nem muito frouxas. “Com efeito, esse nó reúne dois fios numa urdidura perfeitamente simétrica [...]”, o que Elias (2005) chamaria equilíbrio de poder.

O *nó do enforcado* que indica perigo evidente, não apenas aos nossos próprios olhos, mas a todos que estão no nosso convívio. São chamadas atualmente de relações tóxicas, de longo e médio prazo, e não se limitam apenas a pessoas, mas também a certos hábitos nocivos a nossa saúde, consumo de drogas, por exemplo. O *nó da vaca* ou achatado, que representa as relações mais frouxas, são feitas e desfeitas com certa brevidade. Esse tipo de nó pode ter sido produto de relações sociais intensas, mas em longo prazo algo ficou insustentável.

Por fim, o *nó górdio*, o nó mais denso e intenso: “Diz respeito a todos os laços inextricáveis que não podem propriamente ser desfeitos, quer queiramos ou não” (Josso, 2012, p. 120). Na feitura desse nó, estão as ligações de afeto, relação de parentesco, intercruzamentos de pessoas admiráveis, que nos causaram certo encantamento e profundo respeito. Ou, ao contrário, um tipo de nó que pode representar ódio intenso e mortal. De qualquer modo, é esse nó que nos move de maneira cega, e “Muitos procedimentos psicanalíticos mencionados nas narrativas permitiram a seu iniciador tomar consciência desses nós górdios com os quais se deve viver por não saber ou não poder desatá-los” (Josso, 2012, p. 120).

Para o tipo de nó górdio, lembramos da pesquisa de Elias sobre Mozart; a sociologia de um gênio. Relação intensa que o gênio da música viveu com o seu pai, sr. Leopold Mozart. Chegamos, inclusive, a identificar um ensaio escrito para o XI Simpósio de Processo Civilizador, na Argentina, em 2008, quando foi feita uma discussão acerca de um maníaco depressivo em Viena. Hoje, é possível levantar a hipótese de que Mozart, enquanto o maníaco depressivo, estava, na verdade, submerso em um nó intransponível; o nó górdio, junto ao seu genitor. Dessa maneira, é provável que uma valência aberta tenha vários tipos simultâneos de relações; de nós górdios e outros tantos, e por onde passa deixa vestígios de sua trajetória.

1.2 As Relações (Auto)Biográficas de Dona Creuza

Na seção anterior, vimos como as valências apertadas, a despeito de seus traçados configuracionais, por onde passam, deixam vestígios em diferentes esferas da vida social. São as

relações (auto)biográficas descritas por Josso (2012), que evidenciam os modos de ser e de estar no mundo nos múltiplos traçados construídos e deixados por um determinado indivíduo. Essa é a razão pela qual, Oliveira e Passeggi (2021) fazem uma importante reflexão sobre o que os indivíduos são capazes de construir socialmente.

“[...] o indivíduo humano faz algo com as condições que lhes foram dadas pela natureza, ele dá existência à sua vida, atua, age e narra, ou seja, **vive, trabalha e constrói história**. Com base em construções biográficas, ele se faz existir, não apenas individualmente, mas sobretudo, social e politicamente” (Oliveira e Passeggi, 2021, p. 67).

Nesse contexto, é oportuno investigar a vida educacional e política de Cleuza Pereira do Nascimento, popular Dona Creuza. Nascida em 10 de julho de 1936; é servidora pública, professora aposentada da educação básica, sertaneja e militante de movimentos de luta pelos direitos das mulheres e crianças. Entrevistamos Dona Creuza em várias ocasiões, entre 07 e 24 de fevereiro de 2023. Os nossos encontros foram sempre em sua residência, e as entrevistas renderam um total de 196 minutos e quarenta segundos. Na altura dos seus 87 anos de idade, ainda muito lúcida, tratou de vários assuntos, tais como: infância, educação, religião, inovação, política, casamento, esporte, música e o futuro.

Em uma das primeiras entrevistas, a nossa biografada diz que sempre quis ser professora; sonhava, brincava e criava histórias como uma professora. Mas, nessa época, década de 1930-1940, em Salgueiro, não havia nenhuma escola normal, de formação de professora. As escolas mais próximas estavam no município de Triunfo (Escola Stella Maris) ou em Petrolina (Colégio Nossa Senhora Auxiliadora), a 131 e 235 km, respectivamente. E, foi motivada a estudar em Petrolina, influenciada pelo Padre Mariano, juntamente com uma sobrinha do sacerdote. É dessa maneira que a Dona Creuza já esboça as suas relações religiosas, ligações importantes que avançam até os dias atuais, quando, inclusive, publica um livro em 2023, intitulado “Memórias da Paróquia de Santo Antônio 1843 – 2010” e doa as vendas para a Paróquia do Santo.

Dona Creuza é enfática em dizer que, além dessa influência do Padre Monteiro, sempre recebeu o apoio de seu pai, o Sr. Celestino José do Nascimento, que dizia repetidas vezes que ela falava dormindo, que queria ser professora. Contudo, o ingresso aos estudos no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Petrolina, não foi muito fácil. Naquela ocasião, os meios de transportes eram muito precários. E para haver deslocamento de Salgueiro a Petrolina, enquanto estudante, fazia o percurso em um caminhão, inclusive, no primeiro dia de seu internato, chegou a vomitar de enjoos, devido horas percorridas na estrada de terra.

Todavia, antes dos estudos no internato em Petrolina, a nossa colaboradora fala com nostalgia e muito orgulhosa de si mesma, do início de sua educação escolarizada, ao dizer que fez os primeiros estudos no Grupo Escolar Professor Manuel Leite, em 1944, aos oito anos de idade. As lembranças dessa instituição são muito vivas em seu relato, pois, considera que era uma escola, em suas palavras, “bem governada”, dirigida pela Dona Djanira Leal, e todas as atividades giravam em torno do Clube Agrícola, além de outras instâncias, como a Cooperativa Escolar e o Grêmio Literário.

Mas, de volta às lembranças do internato em Petrolina, Dona Creuza diz que desde os primeiros momentos nessa escola se sentiu confortável e incluída, especialmente porque era um ambiente com muitas atividades religiosas e artísticas: coral católico, reuniões das Filhas de Maria, bem como da Ação Católica.

A sua entrevista revela um Brasil com muitas dificuldades na formação de professora, sobretudo para o trabalho nas áreas rurais do País. Depreende-se, portanto, que o curso era denominado Normal Rural, criado para uma formação rápida, em virtude das necessidades de professoras na época. No entanto, a formação durava cinco anos. Os primeiros anos eram voltados para matérias genéricas e depois com foco nas matérias pedagógicas. Ao concluir os estudos retorna

a sua cidade natal, onde assumiu a função de professora na rede estadual, contribuindo diretamente na alfabetização dos estudantes da região.

Em 1993, a Dona Creuza, assumiu o Poder Executivo do município de Salgueiro, sendo reconhecida como a primeira prefeita mulher a assumir esta função no sertão central de Pernambuco. E, na eleição de 2000 foi novamente conduzida ao exercício, reeleita em 2004, com 12.257 votos, computando 46,69% dos votos válidos⁵. Com a inquietação política peculiar, foi Deputada Federal no período de 2016 a 2018, e por ser de um partido de centro esquerda, sempre lutou pelos direitos dos menos favorecidos. E, no atual momento desta investigação, Dona Creuza, participa ativamente da vida partidária, pois é diretora de organização do Partido Socialista Brasileiro-PSB, que, entre as atribuições, tem como tarefa motivar a participação e ingresso de novos filiados.

A biografada envolve-se ativamente nas ações relacionadas à política, especialmente a política local, por meio de reuniões, inaugurações de obras e demais eventos, continua a contribuir, segundo ela, efetivamente nos movimentos que buscam garantir uma política pública voltada para a garantia dos direitos coletivos, mitigando as desigualdades sociais. Nesse modo, podemos citar a sua participação no evento político ocorrido em 2022:

Figura 1: Dona Creuza em um evento político, 2022.



Fonte: Acervo pessoal do professor Paulo Dutra. Foto: Amanda Gundes

O texto que circulou na própria fotografia e o outro personagem com a biografada, é do ex-deputado estadual Professor Paulo Dutra, em visita ao município de Salgueiro, por ocasião de um evento em apoio ao candidato ao governo do estado de Pernambuco, nas eleições de 2022. Como se observa, a biografada é reverenciada por sua liderança, exemplo de luta em defesa das causas coletivas; e o registro fotográfico da jornalista Amanda Gundes, é um flagrante da paciência com que Dona Creuza esperava o candidato de seu partido para compor a mesa. E, ela, na condição de uma das lideranças locais, foi a primeira a fazer a sua intervenção política; a sua saudação militante.

Diante desses aspectos, a nossa biografada tem marcado uma geração com a sua trajetória de vida, razão pela qual é preciso uma análise densa dos seus feitos que foram relevantes na vida pública e que são inspirações para professores e militantes por uma sociedade mais justa. Além desses elementos, destacamos, ainda, a importância pessoal em pesquisar e divulgar a vida de Dona Creuza, pois a mesma influenciou e marcou algumas outras trajetórias de vida, como a dos autores deste

⁵ Fonte: UOL Eleições 2004. Disponível em: <http://eventos.noticias.uol.com.br/eleicoes/PE/index-25437.html>. Acesso em 14/08/2023.

artigo, bem como de pessoas do nosso convívio familiar, com seu exemplo profissional e social, como um modelo a ser seguido.

Na obra escrita por Elias e Scotson (2000), *Os Estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade fictícia, Winston Parva, os autores tratam da teia interdependente de grupos considerados rivais. Assim, é possível uma classificação da socio-dinâmica da estigmatização de um grupo em relação a outro, a compreensão dos grupos rotulados, a sua organização, os rótulos utilizados para segregar, evidenciar o “nós, os daqui e os de lá” de uma dada sociedade.

Tentativas de estigmatização são perceptíveis na análise da trajetória de vida de Dona Creuza, como descrita em uma das entrevistas. Ao se candidatar como prefeita, o grupo dos estabelecidos de Salgueiro, os políticos locais da época, utilizaram de fofocas para combater e envergonhar os membros do grupo *outsiders*, o partido da oposição, representado pela biografada. Aliás, Dona Creuza considera a fofoca como um dos maiores desafios enfrentados na política, especialmente em virtude de sua experiência enquanto candidata ao poder executivo municipal.

Uma das eleições em que participou como candidata à prefeitura, os opositores de sua campanha, realizaram difamações e alguns xingamentos, no sentido de depreciar o que seria a legitimidade de seu pleito, seja por ser mulher, religiosa ou idosa. Então, os xingamentos variavam de papa-hóstia à velha, chegando a circular, inclusive, um carro de som tocando a música cantada por Geraldo Nunes “A velha debaixo da cama”⁶.

Com essas tentativas difamatórias e depreciativas, um carro alegórico trazia a encenação, que expunha um homem fantasiado de mulher idosa embaixo do referido móvel. É, portanto, nessa ocasião, em que os estabelecidos de Salgueiro, tentavam mostrar a anomia e a sua superioridade utilizando também da misoginia, quando influentes da localidade afirmavam que seria preciso sair do município caso o mesmo fosse governado por uma mulher. Esses são fatos lembrados pela entrevistada, que, em suas palavras, nunca se deixou abater pelos comportamentos preconceituosos, misóginos.

Aliás, Dona Creuza é categórica em afirmar que nunca se considerou velha, talvez pelo fato de que sempre esteve entre a juventude. Além disso, sua participação política era, na verdade, uma tentativa de contraposição do que ela chama de “mesmice” do poder local. Por esses e outros motivos, ela nunca se preocupou com os apelidos e xingamentos dos seus opositores.

Contudo, se havia de um lado a fofoca e a tentativa de depreciação à candidatura de Dona Creuza, por outro lado, existia, também, um carisma grupal e uma forte teia de interdependência, envolvendo indivíduos de diversos segmentos inconformados com a desigualdade de forças, tais como: a Igreja, as associações e classes de professores e trabalhadores em geral, dando origem a configuração de um partido político, tornando, de certa forma, ineficaz a estigmatização contra o grupo dos *outsiders*, representado pela nossa biografada. Assim, suas lembranças dão conta de que, na primeira eleição em que participou, em 1988, as catequistas faziam pano de prato para vender e ajudar na campanha, as mulheres faziam o movimento político.

De qualquer maneira, parafraseando Elias e Scotson (2000), no tocante ao estigma, aos olhos dos estabelecidos de Salgueiro, Dona Creuza seria a pior dos piores. Contudo, mesmo caracterizada como *outsider*, a nossa personagem central torna-se referência da educação e da política em Pernambuco. Porém, mesmo identificando na nossa personagem central, os méritos de uma trajetória de vida, marcada pela educação e pela política, há de se fazer, também, mesmo que a posteriori, uma análise crítica dos pontos e contrapontos de sua relação com o poder no Estado. Uma relação, que diríamos, intercambiante, entre os mundos estabelecidos-*outsiders*.

⁶ Composição de Jonas de Andrade.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tentamos aproximar teórica e empiricamente Elias (1994) e Josso (2009, 2020) que procuram enfatizar a relação do singular e o plural, cuja perspectiva epistemológica centra a reflexão na metadisciplinaridade, ou seja, ampliam as fronteiras do conhecimento para compreender o indivíduo em suas múltiplas relações sociais em processo de digressão possível de verificação empírica. Esses autores também compartilham de concepções metodológicas, como a temporalidade, seja pensando numa história de longo prazo, seja analisando a história ao longo de toda uma vida.

Vale salientar, no entanto, a importância de escrever uma biografia, porque pesquisa dessa natureza busca entender a trajetória de um indivíduo, pois ao analisar os fatos relevantes da sua história, é possível compreender o contexto social de sua imersão. A história narrada, portanto, não se trata somente daquela pessoa de forma individualizada, mas, trata-se das relações vivenciadas com outros indivíduos durante a própria trajetória, em uma determinada localidade e instituições sociais.

A partir dos conceitos valências abertas, configuração, estabelecidos e *outsiders*, conseguimos analisar, mesmo de forma breve, a trajetória da Dona Creuza, que nos concedeu, gentilmente, uma série de entrevistas que trouxeram à memória momentos importantes de sua formação educacional, religiosa, profissional e política. Relatos que revelam aspectos fundamentais da organização societária de uma determinada época, marcada por perseguições de grupos estabelecidos sobre *outsiders* no interior de Pernambuco.

Diante do exposto, não obstante as perseguições, é exatamente no campo político, com autoestima elevada, que a nossa biografada, aos 87 anos de idade, tem atuação significativa, com papel de liderança feminina na organização partidária.

REFERÊNCIAS

- Borges, V. P. (2015). Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In C. B. Pinsky (Org.). Fontes históricas. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contextos,
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar,
- Elias, N. (1994). A sociedade dos indivíduos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (2001). Norbert Elias por ele mesmo. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (2005). Introdução à sociologia. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira: Lisboa, Edições 70, LDA.
- Josso, M. C. (2018). O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. *Revista @mbienteeducação, São Paulo, 2(2)*, p. 136–139. DOI: 10.26843/v2.n2.2009.560.p136-139.
<https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/560>.
- Josso, M. C. (2020). Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.]*, 5(13), p. 40–54, DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p40-54.
<https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>.

Josso, M. C. (2012). Fecundação mútua de metodologias e de saberes em pesquisa-formação experiencial. Observações fenomenológicas de figuras do acompanhamento e novas conceituações. In.: Passeggi, M. da C., Abrahão, M. H. M. B. (org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB.

Oliveira, C. A. M. de, & Passeggi, M. da C. (2021). Escritas de si e desenvolvimento profissional em classe hospitalar: memórias, capital autobiográfico e ethos docente. In.: Passeggi, M. da C., Sá Junior, L. A. de, Barbosa, T. M. N. (org.). *Educação e experiência: narrativas em múltiplos contextos*. Natal: EDUFRN.

Souza, E. F. de (2021). À luz do candeeiro e o constructo do 'eu' fonte: educação pela arte, ciência e política. *Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, [S. l.], p. e66773, p. 1–325, DOI: 10.5902/2318133866773. 10. <https://periodicos.ufsm.br/regae/article/view/66773>.